

## O GÊNERO TEXTUAL DIÁRIO E O ENSINO/APRENDIZADO DA CONCORDÂNCIA EM SALA DE AULA

RAQUEL PORTELLA DE SOUZA<sup>1</sup>; SHAIANE MATHIAS DOS PASSOS<sup>2</sup>; RAQUEL  
GOMES CHAVES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal De Pelotas – [rpsletras@gmail.com](mailto:rpsletras@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal De Pelotas) – [mathiasshaiane@gmail.com](mailto:mathiasshaiane@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal De Pelotas – [chavesraquelgomes@gmail.com](mailto:chavesraquelgomes@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o modelo de ensino tradicional da Língua Portuguesa não tem se mostrado efetivo. Apesar dos novos estudos e métodos de ensino, a aula de Português segue sendo sinônimo de aula de gramática, abordada muitas vezes de forma descontextualizada, que não necessariamente possibilita um bom uso da língua. Assim, faz-se necessária a escolha de uma metodologia que torne o ensino de língua mais proveitoso e interessante para qualificar essa prática na escola (KOCH; ELIAS, 2010). É imprescindível que o aluno torne-se autônomo linguisticamente, apropriando-se das possibilidades que a língua oferece e conhecendo os diversos gêneros textuais assim como as múltiplas normas da língua, adequando-os à finalidade que desejar.

Durante o semestre 2019/1, na disciplina de *Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa*, ministrada pela professora Raquel Gomes Chaves, foi proposto à turma que elaborássemos uma atividade, ou melhor, um plano de aula abordando o conflito entre normas padrão, culta e popular no que se refere especificamente às normas de concordância nominal e/ou verbal, utilizando algum método de ensino que extrapolasse o método tradicional.

Para essa atividade, optamos por abordar a concordância nominal, e para produzir a atividade, nós utilizamos o modelo didático de gênero, que consiste em trazer a vertente didática do interacionismo sociodiscursivo, para trabalhar o ensino de gêneros textuais, tomando o gênero como unidade central do ensino (SCHNEUWLY, 2004). Sua aplicação é feita pela sequência didática de gênero, e, no trabalho, optamos pelo gênero diário, abordando o conflito entre as normas culta, padrão e vernacular na concordância verbal e nominal em textos escritos. Além disso, propomos uma reflexão sobre o preconceito linguístico e sobre as possíveis funções

sociais próprias ao gênero diário, aplicada aos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

## 2. METODOLOGIA

Para a atividade, a proposta é a utilização da sequência didática de gênero, que consiste em: (a) primeiro contato com o gênero; (b) produção inicial; (c) n módulos; (d) produção final. Na aplicação do gênero diário, a organização foi dividida nos seguintes momentos distintos: (a) contato inicial; (b) produção inicial; (c) quatro módulos; (d) produção final.

O primeiro contato será uma conversa com os alunos, questionando se eles conhecem o diário, se já escreveram ou estão escrevendo um, se conhecem algum diário publicado como livro, como o *Diário de um Banana* ou o *Diário de Anne Frank*. Neste momento, apresentaremos o diário que escolhemos para auxiliar nas discussões sobre as normas e as concordâncias: o diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de despejo – diário de uma favelada*.<sup>1</sup>

Para a produção inicial, os alunos iniciarão um diário contando sobre seu cotidiano, o local em que vivem com suas famílias, como estão se sentindo, suas atividades, e será a partir da produção escrita desse encontro que os módulos serão produzidos.

Nesta sequência didática, os módulos serão divididos em quatro: (a) dois sobre a concordância nominal e (b) dois sobre a concordância verbal, sendo que o primeiro e o terceiro módulo farão relação com o conflito entre normas e o segundo e quarto farão relação com o preconceito linguístico. Para cada módulo, serão utilizados trechos do texto de Carolina, a fim de trabalhar com os aspectos linguísticos e sua importância para a compreensão da obra. As regras das concordâncias serão vistas em suas aplicações no texto, para que os alunos compreendam e apropriem-se das regras, entendendo o porquê do texto escrito exigir uma maior adequação a tais regras do que textos orais.

Na produção final, cada aluno irá analisar o seu diário, buscando reconhecer seus “acertos” e “tentativas de acerto” em relação à concordância (verbal e nominal), buscando compreender as regras e as suas aplicações. Além disso, levantaremos a

---

<sup>1</sup> No livro, *Quarto de Despejo*, a autora vai em busca de narrar o objeto, mas já o encontra discursado e neste cipoal de vozes, orienta-se, recriando-o à sua maneira. A sua linguagem é fruto de experiência imediata com as coisas, mas também passa pelo filtro do discurso escrito visto que além de catadora de lixo é também leitora contumaz. Assim, o seu discurso é duplamente construído, ora por uma materialidade imediata, ora pelos discursos dos outros que também dizem essa materialidade.

questão “O gênero diário é um texto íntimo? Se sim, por que Carolina publicou o dela para que todos pudessem ler?”. Aqui buscaremos a reflexão em conjunto sobre o potencial de crítica e denúncia social que estão presentes no texto dela, e porque é relevante ser um diário ao invés de outro gênero textual.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os professores e pesquisadores que temos conhecimento, os quais utilizaram esse método em sala de aula, obtiveram resultados positivos. Como a pesquisa ainda está em andamento, esperamos que também tenhamos resultados positivos, os quais os alunos compreendam o gênero proposto, a diferenciação das normas e da concordância (verbal e nominal).

### **4. CONCLUSÕES**

A sala de aula é um local de pluralidade, diversidade, autonomia e reflexão, portanto a aula de Língua Portuguesa deve abranger esses aspectos, respeitando a unicidade e o potencial diversificado de seus alunos. Abordar a concordância verbal e nominal não é somente uma explicação e reprodução de regras mecânicas, descontextualizadas de seu momento sócio-histórico-cultural. A língua é diversa, comporta muitas normas e variedades que correspondem aos seus respectivos falantes, e pode ser utilizada como fator de dominação social, de segregação e de preconceito.

Apresentar aos alunos as possibilidades de normas e variáveis, permitir o entendimento e apropriação destas, sabendo como adequá-las ao contexto em que estão inseridos é um meio de ascensão social e de impedimento de que sejam rebaixados culturalmente com o pretexto preconceituoso de não utilizarem bem a “língua de Camões”.

Ao propor um trabalho com o texto de Carolina de Jesus, nós não propomos a análise de um texto qualquer, mas sim o de uma mulher, mãe, só, marginalizada, pobre, negra, com ensino deficiente, que vive um contexto de violência, fome, machismo e descaso público. Tudo isso está presente em sua obra. Refletir sobre o porquê do uso, ou não, das concordâncias vai além de se ela tem conhecimento de tais regras; e se tem, há motivo para não as utilizar que devem ser discutidos. Mas o que ou quem ela busca atingir com aquilo que escreve.

O preconceito permeia a sociedade sob diversas faces: de raça, de gênero, de sexualidade ou afetividade, de escolaridade, de posses, de localidade geográfica, e de língua. Mas antes de mais nada, o preconceito é contra as pessoas. A sala de aula deve ser um lugar de libertação de tais amarras que somente servem para dominação e exploração social. Para um ensino crítico de bem ler e bem escrever não basta apenas dominar as regras gramaticais apresentadas nos compêndios gramaticais, mas uma análise completa do uso da língua portuguesa e suas possibilidades.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **A norma oculta língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. Revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagens, textos e discursos**. São Paulo: PUC-SP, 1999.

DOLZ, J; GAGNON, R; DECÂNDIO, F. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. [Tradução de Fabrício Decândio e Ana Rachel Machado]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo Diário de uma favelada**. 10 edição, São Paulo: Ática, 2014. 200p

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In DIONÍSIO, Â. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEC/SEF Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – **3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Ministério da Educação e de Desportos Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1998.

ROSSI, A. **Linguística textual e ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

WITTKÉ, C. I. **O trabalho com o gênero textual no ensino de língua**. Pelotas: Caderno de Letras, 2012.